

opusdei.org

“Quem, eu?”: de São Mateus ao Papa Francisco, através de Caravaggio (c/ vídeo)

No dia 21 de setembro a Igreja celebra a festa do Evangelista S. Mateus. O que nos diz o Evangelho? Que importância teve este episódio na vida de Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco?

21/09/2024

Ver também:

- **Meditações: 21 de setembro, São Mateus**
 - **Comentário ao Evangelho de 21 de setembro: São Mateus**
 - **Audiência de Bento XVI sobre S. Mateus**
 - **12 áudios e textos sobre a vocação** : série “Algo grande que seja amor”.
 - **54 perguntas sobre Jesus Cristo (e-book)**
 - **O que é a vocação? Todos temos vocação?** (da série “Perguntas sobre a Fé Cristã”)
-

Evangelho segundo S. Mateus 9,9-13.

Naquele tempo, Jesus ia a passar, quando viu um homem chamado Mateus, sentado no posto de cobrança dos impostos, e disse-lhe:

«Segue-Me».

Ele levantou-se e seguiu Jesus.

Um dia em que Jesus estava à mesa em casa de Mateus, muitos publicanos e pecadores vieram sentar-se com Ele e os seus discípulos. Vendo isto, os fariseus diziam aos discípulos:

«Por que motivo é que o vosso Mestre come com os publicanos e os pecadores?».

Jesus ouviu-os e respondeu:

«Não são os que têm saúde que precisam do médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: "Prefiro a misericórdia ao sacrifício". Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores».

Um pecador que encontra Jesus

Levi organizou um grande banquete para Jesus, que aceitou e participou com os seus discípulos. Este gesto causou escândalo entre os escribas e fariseus, porque participaram na festa também publicanos e pecadores. A resposta de Jesus impressionou Mateus: «Não são os que têm saúde que precisam do médico, mas sim os doentes», disse, acrescentando: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores».

Mateus, que era publicano, deixou tudo e seguiu Jesus, tornando-se um dos Doze. O anúncio de Cristo foi a sua missão. Segundo algumas tradições, morreu mártir na Etiópia.

Na descrição dos quatro seres do Apocalipse – águia, boi, leão, homem – S. Mateus é associado àquele com aspeto de homem. As suas relíquias encontram-se na cripta da Catedral de Salerno. Ali o Santo é festejado,

em 21 de setembro, com uma solene procissão.

Mateus é autor do primeiro Evangelho, escrito não em grego, mas, quase certamente, em aramaico. Os destinatários do Evangelho de Mateus são os cristãos de origem judaica: no texto ele coloca em realce o facto de que Jesus é o Messias, que cumpre as promessas do Antigo Testamento.

De Mateus ao Papa Francisco, através de Caravaggio

A figura do Evangelista está muito presente na iconografia. A famosa obra da “Vocação de S. Mateus”, pintada por Caravaggio, encontra-se na igreja de S. Luís dos Franceses, em Roma.

Trata-se de uma pintura sugestiva, na qual a luz tem um papel fundamental: como símbolo da graça, ela não provém da janela, mas

de Jesus. É uma cena que atrai, sobretudo, pela sua ação dramática: o dedo de Jesus aponta para Mateus; ele, por sua vez, aponta para si mesmo, como que pedindo confirmação da sua chamada. A vocação de S. Mateus e a pintura de Caravaggio marcaram a vida do Papa Francisco, que fala, sobre si mesmo, numa entrevista e se define «um pecador, ao qual o Senhor dirigiu o seu olhar».

A vocação de S. Mateus em três passos: encontro, festa e escândalo

As modalidades da conversão de Mateus foram explicadas pelo Romano Pontífice numa homilia em 2017. «Este trecho do Evangelho de Mateus – fez presente o Papa, referindo-se ao excerto sugerido pela liturgia (9, 9-13) – narra a conversão de Mateus: como o Senhor o chamou, o escolheu para o seguir». E

«podemos vê-lo em três excertos: o encontro, a festa e o escândalo».

1. Encontro

Antes de tudo o «encontro»: «Jesus tinha acabado de curar um paralítico e quando estava para ir embora – talvez para sair, estavam à porta os cobradores de impostos – encontrou este homem chamado Mateus». E o Evangelho diz, precisamente, que Jesus «viu um homem chamado Mateus – e onde estava aquele homem? – sentado no banco dos impostos». Afinal Mateus «era um dos que faziam pagar os impostos ao povo de Israel, para os dar aos romanos: um traidor da pátria». A ponto que estes homens, acrescentou o Papa, «eram desprezados».

E Mateus, prosseguiu Francisco, «sente que Jesus olha para ele» e segundo o Evangelho diz-lhe: “segue-Me”. E ele levantou-se e seguiu-O». Mas «o que aconteceu?» foi a

pergunta sugerida por Francisco, referindo-se a este encontro. O que convenceu Mateus a seguir o Senhor? «Trata-se da força do olhar de Jesus» – explicou o Pontífice – que «certamente olhou para ele com muito amor, muita misericórdia: aquele olhar de Jesus misericordioso» significava: «Segue-Me, vem». E Mateus, por sua vez, tinha «um olhar desanimado, olhando de esguelha, com um olho em Deus e o outro no dinheiro, apegado ao dinheiro tal como Caravaggio o pintou: precisamente assim, agarrado e olhando de esguelha e também com um semblante carrancudo, mal-humorado».

Ao contrário, o olhar de Jesus, é «amoroso, misericordioso». Face a este olhar eis que «a resistência daquele homem que queria dinheiro – era totalmente escravo do dinheiro – cedeu». Com efeito, o Evangelho

diz-nos que Mateus «se levantou e O seguiu».

Na perspetiva desta «luta entre a misericórdia e o pecado», afirmou o Pontífice, é importante questionar-se: «Como entrou o amor de Jesus no coração daquele homem? Por que porta pôde entrar?». O facto é que, explicou Francisco, «aquele homem sabia que era pecador: sabia que não era amado por ninguém, e até era desprezado». Precisamente «aquela consciência de ser pecador abriu a porta à misericórdia de Jesus: deixou tudo e foi embora». Eis «o encontro entre o pecador e Jesus: Todos os pecadores que encontraram Jesus tiveram a coragem de O seguir, mas se não se sentissem pecadores não O podiam seguir». Por este motivo, disse o Papa, «a primeira condição para ser salvo é sentir-se em perigo; a primeira condição para ser curado é sentir-se doente». Por conseguinte, prosseguiu, «sentir-se pecador é a

primeira condição para receber este olhar de misericórdia». E mais, acrescentou Francisco, «pensemos no olhar de Jesus: tão belo, tão bom, tão misericordioso, e também nós, quando rezamos, sintamos este olhar sobre nós: é o olhar do amor, o olhar da misericórdia, o olhar que nos salva» e nos sugere para «não ter medo».

2. A festa

Mateus, afirmou o Papa, «sentiu-se muito feliz e certamente, mesmo se não está no texto, convidou Jesus para almoçar em sua casa, como fizera também Zaqueu». É precisamente o momento da «festa». «Festejaram» afirmou o Pontífice, evidenciando que «depois daquele encontro foi feita uma festa com todos os pertencentes ao mesmo sindicato: eram todos iguais. E ele chamou os amigos que eram assim: pecadores, publicanos e certamente

fizeram perguntas ao Senhor e Ele respondeu sentado à mesa naquela casa». Portanto, «estavam à mesa, comiam juntos com os pecadores: aconteceu o mesmo no almoço que Zaqueu fizera para festejar a conversão, o encontro com o Senhor». E «isto faz-nos pensar no que Jesus diz no capítulo 15 de Lucas: haverá mais festa no céu por um só pecador que se converte do que por cem justos que permanecem justos». Esta é, precisamente, «a festa do encontro do Pai, a festa da misericórdia; e Jesus derrama misericórdia sobre todos».

3. O escândalo

Mas enquanto o Senhor «estava sentado à mesa» – é o terceiro momento depois do encontro e da festa – eis que «se apresenta o escândalo». O Evangelho, explicou Francisco, narra que «chegaram muitos publicanos e pecadores e se

puseram à mesa com Jesus e com os seus discípulos». E «ao ver isto, os fariseus diziam aos seus discípulos: “Mas como?”». Porque, explicou o Papa, «um escândalo começa sempre com esta frase: “Mas como?”». Por isso, acrescentou, «quando ouvirdes uma frase como esta, cheira mal: por detrás está o escândalo, rasgam-se as vestes».

Com efeito, eis que os fariseus perguntam aos discípulos: «Por que come o vosso mestre juntamente com os publicanos e com os pecadores? O vosso mestre é um impuro, porque saudar esta gente contagia». Para eles «é a doença, a impureza de não seguir a lei, e a lei diz que não se pode estar com eles». Aliás, são pessoas que repetem que «a lei diz, a doutrina diz...: eles conheciam bem a doutrina, sabiam-na muito bem, sabiam como se devia andar pelo caminho do reino de Deus, conheciam melhor do que ninguém

como se devia fazer». Mas, observou o Papa, «tinham esquecido o primeiro mandamento do amor e ficaram fechados nesta gaiola dos sacrifícios: “Façamos um sacrifício a Deus, respeitemos o sábado, tudo quanto se tem que fazer e assim salvamo-nos”». Mas não, relançou Francisco, porque «é Deus quem nos salva, é Jesus Cristo quem nos salva e estes não tinham compreendido, sentiam-se seguros, pensavam que a salvação vinha deles».

Por este motivo, perguntam aos discípulos: «mas como?»: precisamente aquele «“mas como?” que ouvimos tantas vezes dos fiéis católicos quando viam obras de misericórdia: mas como?». Ao contrário, «Jesus é claro, é muito claro: “Ide aprender”». Por isso «mandou que fossem aprender: “Ide aprender o que significa misericórdia, aquilo que eu quero, que não são sacrifícios, porque de

facto eu não vim chamar os justos, mas os pecadores». Portanto, afirmou o Pontífice, «se quiseses ser chamado por Jesus, reconhece que és pecador».

É claro, «há quem possa dizer: “Padre, mas é uma graça sentir-se pecador, a sério?». Sim, porque significa «sentir a verdade». Mas «não um pecador abstrato: pecador por isto e por aquilo. Pecado concreto, pecados concretos! E todos nós temos tantos!». Então «vamos ali e deixemo-nos olhar por Jesus com aquele olhar misericordioso cheio de amor».

Por conseguinte, disse Francisco percorrendo os pontos essenciais da sua meditação, «o encontro entre a misericórdia e o pecado; a festa, porque Jesus nos disse que há festa quando um pecador se converte; e sempre o escândalo: há tantos, muitos, sempre, até na Igreja hoje».

Talvez «digam: não, não se pode, é tudo claro, não, aqueles são pecadores, temos que os afastar». E «também muitos santos foram perseguidos ou suspeitados: pensemos em Santa Joana d'Arc, queimada na fogueira porque pensavam que era uma bruxa e condenada: uma santa! Pensai em Santa Teresa, suspeitada de heresia, pensai no Beato Rosmini».

Em conclusão, o Papa relançou a expressão evangélica: «Quero misericórdia e não sacrifícios», recordando que «a porta para encontrar Jesus é reconhecer como somos, a verdade: pecadores. E Ele vem e encontramos-nos: é tão bom encontrar Jesus!».

Fonte: www.vaticannews.va/pt e www.vatican.va

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/quem-eu-
de-s-mateus-ao-papa-francisco-atraves-
de-caravaggio/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/quem-eu-de-s-mateus-ao-papa-francisco-atraves-de-caravaggio/) (09/08/2025)